

SE EXPOR À CIDADE: EXPERIÊNCIA CIDADINA E NARRATIVAS URBANAS

Exposing to the town: city experience and urban narratives

Rafael Henrique Meneghelli Fafá Borges¹

RESUMO

Andar pelas ruas na cidade contemporânea é uma atividade potente e fértil. Ao nos expormos as experiências que podem surgir, ao casos e acasos, as pessoas que ali passam e animam o urbano, encontramos e nos deparamos com narrativas intrigantes, cativantes, convidativas. A primeira parte desse texto problematiza a forma como nos expomos a isso tudo, trabalha como nossas escolhas podem potencializar nossas experiências frente a cena urbana. Num segundo momento versa sobre um desses encontros, onde um diálogo urbano parece ser o centro da narrativa. Um diálogo cheio de poética, angústias, medos e descobertas. Onde a cidade, as relações, a experiência e o próprio sujeito da experiência são pensados e discutidos em torno de uma paixão onde a destinatária parece ser indefinida.

Palavras-chave: Cidade Contemporânea. Encontros. Sujeito da experiência.

ABSTRACT

Walking the streets in the contemporary city is a potent and fertile activity. As we expose the experiences that can arise, to the cases and chances, the people who pass and animate the urban, we find and come across intriguing, captivating, inviting narratives. The first part of this text problematizes the way we expose ourselves to it all, works as our choices can potentialize our experiences in the urban scene. In a second moment it is about one of these encounters, where an urban dialogue seems to be the center of the narrative. A dialogue full of poetics, Angustias, fears and discoveries. Where the city, the relationships, the experience and the subject of the experience are thought and discussed around a passion where the recipient seems to be undefined.

Keywords: Contemporary city. Meetings. Subject of experience.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisador do Grupo de Pesquisa RASURAS – Geografias Marginais (Linguagem, Poética, Movimento). rafaelfaborges@gmail.com.

✉ Rua Joaquim Lírio, 478, ap. 202, Praia do Canto, Vitória, ES, 29055-460.

POLIFONIA E A EXPERIÊNCIA CIDADINA

Este texto é fruto das experiências do meu processo de mestrado. Nele o momento de pensar o campo da pesquisa foi muito além de separar materiais de coleta, análise e observação, de decidir se faria entrevista, se ela seria aberta ou fechada, de escolher o local que seria realizada. Pensar o campo passou também pela problematização, e com isso pela escolha consciente, de como iria me expor ao que lá encontraria, as casualidades, o imprevisível, o desconhecido e inclusive o que já superconhecia, ou acreditava que conhecia, de antemão.

Neste momento, encontramos acolhimento em autores que nos ajudaram a refletir sobre este processo, sobre a forma de entrar em contato com a cidade e com quem faz a cidade, de maneira a potencializar nossas experiências e estar aberto as pluralidades que poderiam surgir dessa relação.

O antropólogo italiano Massimo Canevacci (2004) foi um dos autores basilares para pensar as experiências de campo. Em seu livro “A Cidade Polifônica”, ele discute maneiras de experienciar lugares de grande familiaridade, de modo a ter conhecimentos outros, que não os habituais.

Canevacci (2004, p. 30) argumenta nesse mote que “a coisa mais opaca de nossa cultura contemporânea é a que nos é mais familiar, justamente por que nos envolve diretamente com toda a vida cotidiana, bem como com a onírica”. O fato de um lugar ser habitual, de estarmos acostumados a passar por ele, por vezes, acaba enuviando nosso olhar, fazendo com que percebamos sempre as mesmas coisas, olhando sempre de um mesmo ângulo.

O historiador Roberto Moses Pechman (1994), no livro “Olhares Sobre a Cidade”, também discute que existem muitas coisas que não conhecemos e experienciamos pelo fato de olharmos os lugares,

quase sempre, de maneira acostuada. Isto porque “a cidade não se dá a conhecer naquilo que ela explicita, desnuda aos olhares de todos – o espetáculo das ruas. Ao contrário, é na sua ‘visibilidade’ que ela esconde seus segredos” (PECHMAN, 1994, p. 1). É nas ligações, conversas, relações, contatos, no comedimento, no que transcende a visibilidade, que podemos descobrir, que podemos entrar em contato com versões, conhecimentos e saberes sobre a cidade que quase não temos a oportunidade de entrar durante nosso cotidiano apressado, nosso olhar acostumado e nosso modo veloz de passar pelas ruas da cidade.

Essa pluralidade de possibilidades que podem ser inauguradas na experiência cidadina, Canevacci (2004) chama de “Polifonia”. Para ele, “a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam” (CANEVACCI, 2004, p. 17), um coro de vozes que dizem sobre a cidade, que mostram as várias facetas e versões que podem existir.

Para Canevacci (2004, p. 15, destaques no original) “a cidade se apresenta **polifônica** desde a primeira experiência que temos dela”, basta estarmos abertos e dispostos a escutar o coro que dela emana. Por isso que ele ressalta que “a **polifonia** está no objeto e no método” (CANEVACCI, 2004, p. 15, destaques no original), sendo assim alerta que existem várias versões, porém devemos ter uma metodologia que nos permita dar voz a essas várias vozes que existem, “experimentando assim um enfoque polifônico com o qual se pode representar o mesmo objeto” (CANEVACCI, 2004, p. 17-18).

Pensando numa maneira de potencializar as experiências com os locais habituais e, ao mesmo tempo, dar visibilidade aos vários atores que dizem sobre a cidade, pensamos incorporar em nossa

metodologia pensamentos e escritos do antropólogo italiano, quando nos sugere que sejamos estrangeiros nesses lugares costumeiros. Isso porque, “muitas vezes o olhar desenraizado do estrangeiro tem a possibilidade de perceber as diferenças que o olhar domesticado não percebe, interiorizado e demasiadamente habituado, pelo excesso de familiaridade” (CANEVACCI, 2004, p. 17).

Essa proposta metodológica é baseada em “estranhar toda a familiaridade possível com a cidade e, ao mesmo tempo, familiarizar-se com suas múltiplas diferenças” (CANEVACCI, 2004, p. 30). A tudo o que é costumeiro, devemos lançar um olhar curioso, investigativo, um “olhar oblíquo” (CANEVACCI, 2004), como se fosse a primeira vez que estivéssemos tendo contato com o lugar, carregando conosco todos os anseios de conhecer de um estrangeiro. Tentar, dessa maneira, observar e ter contato com versões outras desse lugar que não tínhamos a oportunidade de explorar por conta da habitualidade.

O processo de familiarizar-se com as múltiplas diferenças passa por começarmos a prestar atenção nas coisas que no cotidiano passam despercebidas, não são notadas. É se aproximar do que antes era distante, estranho, com os mesmos anseios e vontades do processo anterior. Essa proposta dupla que o autor faz tem como intuito uma sedução do pesquisador por toda a cidade, uma relação com o urbano de forma a estar aberto, a todo momento, às múltiplas vozes que falam sobre a cidade. Um esforço voltado a não ficar apenas na visualidade, mas também tentar sentir, observar, ouvir, vivenciar as relações, as interações, o passar das pessoas, os casos e acasos, os vários sujeitos que possam nos ajudar na investigação. Em conjunto, olhar para os aspectos que de antemão já conhecemos, de maneira a repensá-los, considerando variáveis que até então não eram ponderadas, fazendo novas ligações e relações, explorando as várias possibilidades que o lugar pode oportunizar.

Jorge Larrosa (2015) aponta que o excesso de informações que temos atualmente sobre qualquer lugar ou objeto dificultam experienciar a cidade nos termos que Canevacci nos sugere. Ele é enfático quando afirma “a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (LARROSA, 2015, p. 18). A experiência é “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (LARROSA, 2015, p. 28). Podemos ler uma revista, livro, jornal, assistirmos à televisão ou a palestras, navegarmos na internet, fazermos uma viagem e, ao final dessas atividades, saberemos de coisas que antes não sabíamos, teremos mais informações sobre algo, porém, pode acontecer de não termos nenhuma experiência, pois, durante essas ações, nada nos tocou, nada aconteceu a nós, não reverberou. Apenas passamos por esses momentos adquirindo saberes advindos de informações e não de experiências.

Antônio Carlos Queiroz Filho é um grande estudioso da interferência que as informações causam em nossas experiências. Em seu texto “A Edição dos Lugares: sobre fotografias e a política espacial das imagens” (QUEIROZ FILHO, 2010, p. 36), ele dá ênfase aos conhecimentos prévios que temos através da linguagem fotográfica, e como eles mediam nossas experiências, argumentando que, nas imagens,

há um conjunto de intencionalidades pelas quais elas foram compostas, o que nos permite lidar com a ideia de que as fotografias deixam de ser tidas como uma verdade sobre, para serem assumidas como sendo uma versão sobre, carregando consigo as marcas de um modo de apontar para as coisas, de dizer sobre elas, evidenciando intencionalmente determinados aspectos, apagando outros.

O autor aponta que a linguagem fotográfica é apenas uma das vozes, como discute Canevacci (2004), que falam sobre a cidade,

e que este dizer está carregado de intencionalidades e edições, trazendo à luz alguns aspectos e deixando de expor outros. Assim também funcionam os jornais, revistas, televisões, internet, histórias contadas por familiares, amigos, entre outras formas que podemos ter informações sobre algo. Sempre será uma versão sobre um ponto de vista.

Queiroz Filho (2010) aponta que, quando as informações são assimiladas como o que há para ser visto e conhecido do lugar, caímos numa armadilha de que, quando visitamos estes locais, acabamos, apenas, confirmando o que já sabíamos antecipadamente. Ele cita Susan Sontag (apud QUEIROZ FILHO, 2010, p. 36) para dizer que essas práticas “modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver”.

Ageógrafa Fabianne Oliveira Torres (2014, p. 11) adensa as discussões sobre esse tema ao discutir que essas informações, “uma vez edificadas em nossas memórias, acabam apresentando um modo de se conhecer e pensar o lugar”. Como Canevacci (2004), ela argumenta que é preciso questionar essas versões, essas familiaridades com os lugares. Ao fazer tal ação, “ao repensar e questionar o pensamento hegemônico lançamos problemáticas, teorias e inquietações que ampliam as trajetórias espaciais e descentralizam os olhares disciplinados que temos sobre os lugares e suas imagens” (TORRES, 2014, p. 25).

Essas discussões nos auxiliam a ir a campo atentos a não repetir ou reafirmar apenas o discurso que é proferido pelos veículos de comunicação de massa, os saberes prévios, as versões hegemônicas desses lugares. Tentar criar fissuras, linhas de fuga no olhar disciplinado deve ser uma das ações em campo para podermos escutar o coro que emana das ruas e não apenas uma voz para, dessa forma, “concebemos os lugares a partir das coleções variantes das suas trajetórias” (TORRES, 2014, p. 25).

Outro fator que Larrosa (2015) argumenta como sendo complicador da experiência é a velocidade e a pressa que tomaram conta das nossas ações na contemporaneidade. Queremos informações em tempo real, deslocamentos mais rápidos, conectividades instantâneas, produtividade ágil. A sensação de falta de tempo que acompanha os cidadãos durante o cotidiano afeta a forma como nos relacionamos com a cidade, a forma como nos relacionamos com o próximo.

Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso, se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera (LARROSA, 2015, p. 22).

Não há tempo para assimilarmos o que acontece, de pensarmos e realizarmos ligações, aproximações. Recebemos um estímulo, logo em seguida outro e outro. Eles vão se substituindo no imaginário, no pensamento das pessoas e não se somando e misturando.

O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio (LARROSA, 2015, p. 22).

A experiência demanda um tempo lento, um tempo para poder criar uma relação, um contato mais íntimo, um momento mais demorado para que as ações e os acontecimentos reverberem de alguma forma no nosso passar por aquele lugar. Uma calma e paciência para poder perceber o que está contido nos processos citadinos que não

identificamos de maneira instantânea, que reivindicam uma atenção maior, um “olhar oblíquo” (CANEVACCI, 2004).

Carlos Skliar (2014) diz que o imperativo da aceleração do tempo transformou nossas conversas, nossas trocas, em repetidos monólogos. Estamos pouco disponíveis a ouvir o “coro polifônico da cidade” (CANEVACCI, 2004). Skliar (2014, p. 150) segue dizendo que “é questão de escutar, não de concordar. Concordar ou não com algo que não pensávamos ou não olhávamos antes não tem a menor importância”. A importância está na metodologia de entender que as várias versões coexistem e de tentar dar voz a elas, “como se cada um dos desconhecidos encarnasse a possibilidade de uma verdade” (SKLIAR, 2014, p. 151).

Para escutarmos, para nos dedicarmos às novidades que um desconhecido nos apresenta, precisamos nos colocar em silêncio, porém um silêncio ativo, de quem se cala para prestar atenção, para poder observar ao redor o passar das pessoas, as conversas, o trânsito, o vai e vem das calçadas, os cumprimentos, a vida. Manoel de Barros (2010), em seu poema “Uns homens estão silenciosos”, e a antropóloga Jacine Caiafa (2005), em seu texto “Comunicação e Expressão nas Viagens de Ônibus”, discutem sobre o silêncio que a experiência reivindica.

“Uns Homens Estão Silenciosos”

Eu os vejo nas ruas quase que diariamente.
São uns homens devagar, são uns homens quase que misteriosos.
Eles estão esperando.
Às vezes procuram um lugar bem escondido para esperar.
Estão esperando um grande acontecimento.
E estão silenciosos diante do mundo, silenciosos.
Ah, mas como eles entendem as verdades
De seus infinitos segundos.

(BARROS, 2010, p. 40)

Podemos identificar dois tipos de silêncio que coabitam a cidade. Janice Caiafa (2005, p. 133) argumenta que, assim “como as situações de conversação variam, também haverá talvez diferentes ocasiões do silêncio”: o primeiro, sinônimo de passividade, produzido pelas grandes marcas do viver citadino, um silêncio não somente da fala, mas também um silêncio com o corpo, um silêncio de atitudes e do ver, um silêncio do pensar a cidade. O segundo é o que nos apresenta o poeta Manoel de Barros, que é o silêncio da espera e dos homens devagar, que escolheram estar silenciosos diante do mundo, observando, problematizando.

É interessante porque, nesta perspectiva, o silêncio não decorre de uma ausência de motivação para falar – por exemplo, pelo fato de não se estar entre conhecidos. Ao contrário, esses estranhos seriam tão interessantes, no contexto dos fluxos das relações e conversações na cidade, que teríamos que provocar o silêncio. [...] O silêncio não é imposto às pessoas, ele é criado por elas mesmas, mesmo “cuidadosamente”, é um silêncio ativo (CAIAFA, 2005, p. 128).

Percebemos que os autores apresentam formas de se relacionar com a cidade para potencializar os vínculos, a possibilidade de que algo nos passe, toque-nos, e não modelos ou fórmulas de como se ter experiências cidadinas. As proposições estão mais voltadas para certa passividade, uma maneira de estar disponíveis, visto que “o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar” (LARROSA, 2015, p. 25-26), lhe dá sentido.

o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma

receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.

Pensando nas discussões e proposição dos autores, percebemos que a postura, quando em campo, passa pelo desafio de estarmos acessíveis às casualidades, sensações, ocorrências, incidentes, casos e acasos que o lugar e seus habitantes possam nos proporcionar, transformando-nos e nos modificando, causando-nos “experiências” (LARROSA, 2015).

Quando adotamos esses comportamentos discutidos até aqui para pensarmos a cidade, isso “implica dizer, em grande medida, que não somos mais meros observadores da cidade-palco. Somos, da cidade, parte indissociável. Somos vozes, olhos, bocas, palavras, desejos, pensamentos [...]” (QUEIROZ FILHO et al., 2010, p. 05). Escutamos e criamos versões sobre a cidade, assistimos e fazemos parte dessa dinâmica que a anima, a movimenta, discutimos e problematizamos a forma como ela está sendo pensada, vivida e enunciada.

OLHAR OBLIQUAMENTE A ESCRITA SUPERCONHECIDA

Enquanto pesquisadores da cidade, temos autonomia de problematizar, de escolher, de experimentar diversas versões, diversas formas de se expor, de entrar em contato, de ouvir, de olhar para a cidade, porém, Jorge Larrosa levanta uma questão significativa a ser pensada: temos também essa liberdade para dizer sobre? Dizer aqui não no sentido de conteúdo, mas de forma. O mundo acadêmico ao qual fazemos parte nos da essa liberdade de dizer das coisas da forma que quisermos? Ele argumenta que a liberdade de expressão tem “um duplo sentido: a liberdade de expressar livremente ideias e

pensamentos e, também, a liberdade no âmbito da própria expressão, no modo de escrita” (LARROSA, 2003, p. 109).

Muitas vezes nosso esforço está voltado, como é discutido na primeira parte do texto, em pensar a forma de experienciar o conteúdo, de conhecer e vivenciar o tema, os objetos de nossas pesquisas, porém, pensar a forma como esse conteúdo será exposto, será enunciado, pensar a forma como utilizar a linguagem, e a escrita na academia é a nossa principal forma de difusão, para dizer sobre essas experiências, é algo potente e necessário de ser problematizado também. “Não há modo de “pensar de outro modo” que não seja, também, ‘ler de outro modo’ e ‘escrever de outro modo’” (LARROSA, 2003, p. 102).

Essas questões colocadas por Jorge Larrosa (2003) estão presentes no texto “O Ensaio e a Escrita Acadêmica”, onde ele indaga a escrita hegemônica que temos na academia com o ensaio. Ele traz diversas características deste gênero literário para levantar uma série de questões sobre nossa forma habitual de escrever nossos textos científicos. Entre as características trazidas, me fundamento e tomo como inspiração três neste texto:

1. “O ensaísta... é alguém para quem a leitura e a escrita são, entre outras coisas, lugares de experiência” (LARROSA, 2003, p. 108).
2. “O ensaísta seleciona um corpus, uma citação, um acontecimento, uma paisagem, uma sensação, algo que lhe parece expressivo e sintomático, e a isso dá uma grande expressividade” (LARROSA, 2003, p. 111).
3. “O ensaísta inicia no meio e termina no meio, começa falando do que quer falar, diz o que quer e termina quando sente que chegou ao final e não por que já nada resta a dizer, sem nenhuma pretensão de totalidade” (LARROSA, 2003, p. 112).

Dessa forma, a primeira parte desse artigo é base para a escolha de como nos expor a cidade, de como estarmos à disposição das suas

múltiplas narrativas e de como dar voz a esse coro polifônico urbano. Já neste segundo momento, experimento uma escrita carregada dessas premissas trabalhadas, mas tendo também os três pontos de inspiração trazidos nesta segunda parte. Não pretendi um ensaio, mas me inspirei em algumas de suas características trazidas por Larrosa que problematizam o texto acadêmico hegemônico para escrever esse relato.

DIÁLOGOS URBANOS: NARRATIVAS PARA UM DESTINATÁRIO INDEFINIDO

O dia não estava muito diferente do de hoje. Caminhei de minha casa até uma pequena papelaria, sou aficionado por cadernos, acho que posso dizer que faço coleção deles, mesmo que alguns ainda não tenham nada escrito. Apesar do tamanho, nesta papelaria que encontrava os cadernos mais inspiradores, as canetas que mais inquietavam o papel e os lápis que eu mais gostava. Toda vez que vou a essa papelaria encontro coisas que ainda não tinha visto ali, mesmo a moça dizendo que não há nada de novo, que tudo que tem ali, já estavam nas prateleiras das últimas vezes que a visitei. Comprei novamente um caderno, uma caneta roxa e um lápis.

Em alguns de meus cadernos, tenho anotações de conversas que escuto nas ruas. Gosto muito de sentar em algum lugar da cidade e ouvir atentamente o que é dito ao meu redor. Neste dia não foi diferente, ao sair da papelaria, no caminho de volta para casa, passei por uma pequena praça triangular, que tem esse formato por conta de três ruas que ali se cruzam. Nela existem três bancos, um em cada vértice da praça, e no centro há um canteiro, também triangular, com uma grande árvore que sombreia quase toda a praça. Quando cheguei, um dos bancos já estava ocupado por dois rapazes que estavam compenetrados em uma conversa atrativa. Sentei no banco a direita

dos rapazes. Um deles tinha o cabelo cinza, com diversas tonalidades dessa cor. Não era grisalho nem branco, era cinza, como um céu que promete chuva. Disfarcei e comecei a escutar o que diziam.

Diferente de muitos outros diálogos urbanos que já me cativaram e me atraíram, esse me seduziu por que era uma conversa calma, por vezes com pausas e suspiros. Em alguns momentos os dois ficavam em silêncio, porém, não era como as pausas constrangedoras de quando o assunto acaba e alguém tem que começar um novo ou fazer perguntas vazias, eram silêncios que dava para perceber que um estava pensando no que o outro havia acabado de dizer. Era como se a conversa continuasse mesmo quando não se pronunciava nenhuma palavra. Eles tinham uma confortável leveza e vagareza nas falas, não eram frases em vão ou conselhos já prontos, um prestava bastante atenção no que o outro dizia, palavra por palavra, frase por frase, compenetrados, imersos em meio aos tantos carros que ali passavam ao redor.

Ao chegar na praça, meus tímpanos foram “golpeados pelo ruído surdo do tráfego dos carros. O rimbombar das jamantas, o rugido das motocicletas e as sirenas das ambulâncias e da polícia ao atender aos acidentes de trânsito”^{2 3}. Porém, com o passar do tempo e à medida que minha atenção ia se envolvendo e se atraindo pelos dois e pela conversa, deixei de notar e me incomodar com o que se passava nas ruas que cercavam aquela praça. Aquela cena me cativou e me envolveu de tal maneira, que nem me lembro se consegui disfarçar que estava prestando atenção na conversa deles, mas, eles também estavam tão envolvidos no diálogo, que também nem me notaram por ali.

² Nesta parte do texto as citações irão aparecer como fala dos personagens da narrativa, dessa forma, para que ela fique mais fluido, as referências serão colocadas como notas de rodapé.

³ (TUAN, 2012, p. 262).

Quando cheguei a conversa já havia começado, pude perceber que um dos rapazes tinha se deixado seduzir, estava maravilhado, apaixonado, porém não consegui definir se era por uma mulher ou por uma cidade. Ele dizia:

☐ Meu primeiro contato foi muito superficial, raso. Percebi só o que era mais aparente, o que saltava logo aos olhos, que é justamente sua agitação. Ela é muito dinâmica e polvorosa, parece ter a pressa como o motivo balizador do seu dia-a-dia. Outra coisa é que o trabalho para ela é primordial, está no centro de suas decisões. Percebi também que o trânsito é algo que a incomoda bastante. Durante todo esse primeiro contato verifiquei que o celular é algo que nunca sai da mão, muitas mensagens, notificações e conversas no meio virtual, porém, com as pessoas ao redor, poucas palavras e olhares. Essas características foram impactantes neste primeiro momento. Porém, fiquei muito intrigado e confuso, pois, todos a descrevem dessa forma, então não sei se isso foi o que realmente achei ou se só consegui perceber o que já haviam me contado sobre ela.

O amigo respondeu:

☐ Essa realmente é uma questão a ser levada em consideração. Como sua primeira experiência foi muito rápida, não deu para se demorar, para ter outros tipos de vivências, perceber detalhes e sutilezas. E de fato, “ela não se dá a conhecer naquilo que ela explicita, desnuda aos olhares de todos [...] ao contrário, é na sua ‘visibilidade’ que ela esconde seus segredos”⁴. São nas conversas, nas experiências mais demoradas, no convívio em diversas situações diferentes, no que transcende o que ficou desse seu primeiro contato que você pode descobrir, se familiarizar com suas outras versões, conhecê-la melhor.

☐ Pois é, na segunda vez que me encontrei com ela, tentei me desvencilhar um pouco dessa primeira impressão, desse julgamento

4 (PECHMAN, 1994, p. 1).

que todos fazem, tentei fazer com que isso não fosse um bloqueio para uma aproximação maior. Mas sabe como é uma pessoa encantada, fica receosa, fica com medo de fazer alguma coisa de errado, insegura.

☐ Isso não tem jeito, ela mexe como você, ela te afeta de diversas formas e por mais que alguém te diga para não ficar assim, que te de conselhos e sugestões, você tem que passar por isso para saber como lidar, para saber como você vai reagir. Não existe um passo a passo para o desejo, para a paixão. Você tem que se expor, por que neste momento “o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”⁵, como nos colocamos diante dessas situações, do que nos acontece. Nós podemos planejar, pensar, ensaiar, mas na hora é imprevisível e que bom que é assim, o jogo da sedução da conquista.

O receio do erro e do imprevisível nessa situação que você se encontra será seu companheiro, e não entenda isso como algo ruim, por que, olhando de um outro ponto de vista, ele assume um caráter produtivo, e não mais de bloqueio ou de recusa. Errar em determinadas situações aponta tentativas, empenho, interesse, “errar, ou seja, circular de modo hesitante, só é útil e profundamente humano quando é feito em redor do que não tem resposta, do que não está ainda decidido, do que ainda nos espanta, do que ainda nos confronta, daquilo sobre o qual ainda se discute, argumenta, luta”⁶. Justamente sua condição, de alguém que se encantou e se deixou sensibilizar por ela, mas que a vê como algo processual, cheio de incertezas.

É importante você “permanecer com o espírito curioso do explorador”⁷, por que sempre terá a oportunidade de ver algo novo,

5 (LARROSA, 2015, p. 26).

6 (TAVARES, 2013 apud MOREIRA, 2017, p. 96).

7 (MARANDOLA JR., 2006, p. 57).

de se ater aos detalhes, e são nessas minúcias que o encantamento vai sendo alimentado, vai se tornando mais intenso. Você conseguirá perceber nesse modo de se expor a esse relacionamento que “o fundamental (é) o invisível para a maioria. O que um olhar desatento não consegue captar”⁸, justamente por conta da velocidade com que conhecemos algo ou alguém, a velocidade com que julgamos ou criamos um imagem, e muitas vezes, passa por isso que você disse, pensamos que fizemos uma análise por nós mesmo, mas, muitas vezes, ela já nos foi dada, prescrita de antemão e nem percebemos. Assumimos como uma visão nossa de maneira muito natural, sem perceber esse movimento.

☑ Verdade. Nas outras experiências que tive com ela, procurei justamente me ater mais nos detalhes, a observar as sensações e emoções que iam contagiando meu corpo, tentando sair um pouco do visual, ver como os outros sentidos poderiam me aproximar e me dizer sobre esse relacionamento. Tomei meu corpo como um parâmetro de medida. Comecei a sentir mais seus delicados e marcantes aromas, suas vozes tão variantes com baixos murmúrios e suspiros, mas também falas mais impositivas, fortes e firmes, aos seus toques macios e leves, suas diferentes formas de pressionar.

Deixei me levar de maneira a tentar descobrir “Como seria... caminhar em direção ao Mistério? Em direção ao que não sei?”⁹ por que se quero uma aproximação maior, se quero ter um relacionamento mais íntimo, tenho que me arriscar, a sair da zona de conforto, a olhar de maneiras que ainda não a olhei, não a experimentei, não a experienciei, pois não “é exatamente a isso que se chama investigação – caminhar sobre um solo movediço, de olhos vendados”¹⁰, então deixei me seduzir e conduzir pelo momento.

8 (MARANDOLA JR., 2006, p. 47).

9 (MORERIA, 2017, p. 102).

10 (MORERIA, 2017, p. 102).

☑ Medir seu encantamento e sedução pelo corpo como um todo é algo muito potente, pois, “O corpo que se torna régua obriga ao deslocamento do modo pelo qual organizamos nosso pensamento, pelo qual tentamos medir o mundo que nos rodeia e no qual estamos necessariamente imersos”¹¹. Mudamos nossa perspectiva de entrar em contato com as coisas, com alguém, passamos a prestar mais atenção em todos os sentidos, mas não só isso, começamos também a relacioná-los, a criar conexões entre o que vemos, ouvimos, sentimos, cheiramos, tocamos, degustamos. Degustar não só no sentido estritamente gustativo, o da boca, uma degustação corpórea, no sentido de experimentar com atenção e deleito o sabor de algo, provar, apreciar com suavidade, atenção. Saborear com os olhos, ouvir com a boca, ver com a pele, tatear com os ouvidos, e todas os outros entrelaçamentos possíveis a serem feitos. Cada nova relação, cada nova interligação são experimentações novas que vão potencializando sua visão e sua experiência com ela.

Desfrutar seus momentos dessa forma, assumir que seu corpo é “o objeto a ser usado como medida, com toda a sua variedade de propriedades físicas, com todas as suas possibilidades de situar-se no espaço, é impossível chegar-se ao exato, ao padrão”¹², por que a cada novo encontro cada um trará novas vivências e novas bagagens. Continuando nessas premissas, cada encontro terá novas surpresas, curiosidades e peculiaridade, não ficando no repetitivo, na monotonia. Mesmo que a experiência pareça repetida, os elementos serão diferentes e trarão novos contextos e encadeamentos, tornando improvável, posso dizer até impossível, a repetição idêntica. Criará sim um conceito, um significado para essa sua relação, mas este, “no entanto, ...nunca deve ser tomado como final ou isolado, pois são

11 (MORERIA, 2017, p. 100).

12 (MORERIA, 2017, p. 100).

justamente a circulação e a mobilidade que garantem o pensamento, que possibilitam que os conceitos se tornem flexíveis”¹³. São essas alterações que deslocam as concepções de seus locais de estabilidade e as colocam em variação, cada encontro cria fissuras nas certezas que tinha estabelecido no anterior, tornando essa relação cada vez mais encantadora.

☒ Entendo... segui por essa linha de raciocínio, comecei a não procurar tanto por definições e sim por reações, parei de tentar achar padrões, esquemas, comecei a me concentrar no meu estado de alma que toda aquela vivência agenciava. Em uma certa noite, a encontrei inquieta, movente, e aos poucos meio que sem jeito, nossos corpos desrritimados foram se descobrindo e criando uma cadência, uma pulsação. Foram se experimentando e sendo experimentados. Cada movimento, mesmo que inseguro era percebido e correspondido. Um bailar que aos poucos foi se tornando afago, aconchego. Um entrelaçamento, onde os corpos em harmonia iam se investigando com diversas intensidades. Suas texturas, meu suor, nossas apreensões. Meu corpo inteiro estava mobilizado, em ação, em alerta, qualquer estímulo era sentido pela visão, pelo tato, pelo olfato, pelo paladar, pelas misturas. Uma paisagem sensorial que foi se criando, no movimento fomos nos conectando. Nossos corpos foram preenchendo e sendo preenchidos, e de fato, ele que entremeia tudo isso. Mas precisa ser estimulado, incentivado, essa conexão corpo e mente, corpo e sensação, corpo e mundo, corpo e corpo, vai sendo criado aos poucos. Sair da imobilidade é essencial para descobrir essa linguagem, essa potência. Eu não tenho esse hábito, me lancei neste desafio por paixão, por amor, por fascínio, então estou começando neste processo, mas é algo que aos poucos, minha sensibilidade vai aumentando, vai sendo aguçada.

¹³ (MORERIA, 2017, p. 100).

Após aquele dia que conversamos no bar, após o expediente, comecei a entender um pouco e a me interessar mais sobre essa questão do corpo como medida das coisas, como mediação, como intervenção. A perceber que que o modo de ocupar e ser ocupado, interfere diretamente nessa relação. Apesar de todas as minhas inseguranças, incertezas e timidez, meu corpo passou a gritar por variabilidade, não só de deslocamentos físicos, como também, de mudanças do que sentia, do que pensava.

☒ Essa alteração do modo de se colocar diante dessas situações é muito interessante, por que modifica nosso entendimento sobre o que é a própria experiência e o sujeito da experiência. Vamos nos alterando e só percebemos quando já estamos totalmente imersos nessa nova forma de se relacionar que a paixão nos causa. Neste momento, não somos mais “um sujeito que permanece sempre de pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo, não somos mais aquele que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer, deixamos de ser definidos por nossos sucessos ou por nossos poderes e passamos justamente a perde-los precisamente porque aquilo de que fazemos experiência, de nós se apodera”¹⁴. Falo isso por que “fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo”¹⁵.

¹⁴ (LARROSA, 2015, p. 28).

¹⁵ (HEIDEGGER, 1987, p. 143 apud LARROSA, 2015, p. 27).

Isso diz muito sobre sua mudança de postura, sobre sua alteração de perspectiva, por que “na paixão, o sujeito apaixonado não possui o objeto amado, mas é possuído por ele. Por isso, o sujeito apaixonado não está em si próprio, na posse de si mesmo, no autodomínio, mas está fora de si, dominado pelo outro, cativado pelo alheio, alienado, alucinado”¹⁶. Mas, mesmo nessas condições, o sujeito da experiência é quem dá sentido a tudo isso que acontece, a todas essas transformações, a tudo isso que o chega, o toca. “O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”¹⁷.

Esse ponto é interessante por que, mesmo que ela o dominado, o cative, o transforme, como eu disse, é você quem dá sentido, quem dá lugar, quem faz conexões e significados disso tudo. Você é o sujeito da experiência, é em você que tudo isso deixa marcas, é no seu corpo que tudo isso fica grafado. Uma vez eu escutei de um grande amigo que “quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido.” Consequentemente, quem comanda a imaginação não é a imagem, mas o olhar. E quem comanda a interpretação não é a escrita, mas a leitura”¹⁸. Percebe que a pessoa a quem tudo isso chega é que dá o tom, é quem sistematiza. Pode até parecer que estamos subjugados, mas não estamos, por que escolhemos nos expor dessa forma, estamos nessa condição de maneira consciente. Da mesma forma que ficamos, elas também ficam quando há reciprocidade, quando há paixão dos dois lados. É uma ambivalência.

Nós, enquanto sujeitos da experiência, que damos os significados de tudo isso que nos passa e nos acontece. A voz é quem narra, mas é

16 (LARROSA, 2015, p. 28).

17 (LARROSA, 2015, p. 25).

18 (MARANDOLA JR., 2006, p.49).

a forma como escutamos e fazemos as ligações que agenciará nosso ponto de entrada no conteúdo. Essa entrada será diferente para cada um. Temos a opção de escolher e ir experimentando caminhos distintos, alternativos. Você mesmo começou com a entrada que já haviam lhe dito, o que é comum a todos, porém entendeu que poderia criar relações outras se fosse alterando o corpo de partida, o olhar, a forma como iria se colocar diante disso tudo. Essas mudanças lhe dão possibilidades e entradas outras que vão te fazer passar por experiências distintas. “A experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’”¹⁹.

Acho que por isso você se encantou tanto por ela, por que ela te tirou do lugar comum, fez você variar diversas instâncias da sua vida. Tenho certeza que a descrição que você faz dela hoje é muito diferente da que você fez após o primeiro encontro. Hoje você utiliza muitas palavras que jamais imaginou em seu primeiro encontro, e mais do que isso, mesmo que você ainda a ache agitada, apressada, permeada pelo celular, o entendimento que você tem dessas classificações e especificações hoje é bem diferente. Isso por que as palavras são casas com porão e sótão, podemos andar dentro delas, podemos durante um tempo habitar um entendimento, depois mudar o local de onde falamos e isso faz seu sentido variar²⁰.

Devemos ter muito cuidado ao nomear nossas experiências, nossos sentimentos, e tudo que está envolvido nesse processo, por que, ao escolhermos as palavras que adjetivamos as coisas, elas carregam consigo muitas coisas dentro dessa casa, do porão ao sótão. Carregam com ela nosso modo de pensar sobre, de olhar para, de se expor ao, de

19 (LARROSA, 2015, p. 34).

20 (MOREIRA, 2017).

se relacionar com, indica como pensamos e como damos sentido ao que imaginamos. “As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece”²¹. É com elas que nos relacionamos e nos comunicamos com o mundo, com as pessoas, nos fazemos entender.

Você agora tem pensado muito sobre sua postura, seu corpo, seus sentimentos e sensações, e como ela tem reformulado suas certezas, seus pensamentos, seus entendimentos, seus medos e poderes. Talvez começar agora a prestar atenção nas palavras com que você tem nomeado esse novo processo, esse novo momento, te ajudará a entendê-la um pouco melhor e a se entender enquanto participante desse processo de se relacionar. Novas posturas, novos caminhos de entrada, trazem juntas novas palavras, denominações outras.

E como eu disse, mesmo que algumas palavras ainda perdurem, elas podem ganhar outros significados, outras conotações, haja vista que, “a palavra (a linguagem, poderíamos dizer) é, nessa perspectiva, um objeto a ser manipulado, algo que se pode observar e percorrer, algo no/do qual se pode entrar e sair, subir (ao sótão), descer (ao porão)”²². É aí que está todo o meu encanto no amor, na paixão, no desejo. Quando começamos a caminhar dentro das palavras, quando a poesia entra em cena, por que quando “habitamos poeticamente as terras, quando dizemos o significado das coisas, (construímos) um mundo”²³.

Andando dentro da palavra construir, ela neste momento não está sendo utilizada como mera “associação técnica da arquitetura

e da engenharia, mas edificar lugares, onde o mundo advenha, nas coisas... onde o homem possa permanecer realizando seu destino, o de construir o sentido das coisas”²⁴, e esse mundo, o mundo poético, a gente não descreve, a gente descobre”.

Percebe que “quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos”²⁵?

Após essa fala os dois se colocaram em um profundo silêncio...

Mais uma vez, não era o silêncio constrangedor, de um fim de assunto, o silêncio não os foi imposto, ele foi criado por eles mesmas, “cuidadosamente” era um silêncio ativo²⁶.

Neste momento, meus pensamentos me transportaram para um poema do Manoel de Barros²⁷, que diz:

Um monge descabelado me disse no caminho: “Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Por que o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra

21 (LARROSA, 2015, p. 16-17).

22 (MORERIA, 2017, p. 105).

23 (CESAR, 2015, p. 251).

24 (CESAR, 2015, p. 253).

25 (LARROSA, 2015, p. 17).

26 (CAIAFA, 2005).

27 (BARROS, 2010, p. 385-386).

Se expor à cidade: experiência cidadina e narrativas urbanas

Rafael Henrique Meneghelli Fafá Borges

que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto). Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio nasce de um monturo". E o monge se calou descabelado.

Esse diálogo me marcou tanto que nada anotei no caderno. Não consegui distrair minha atenção nem rapidamente para tirar o caderno da sacola e pegar a caneta. Fiquei concentrado, compenetrado naqueles dois, no que eles diziam, na profundidade de cada frase, precisei de um tempo para decantar tudo aquilo. Não sei se este último silêncio, foram eles que pararam de falar ou foram meus pensamentos se sobressaindo.

Neste momento, ainda estava sem saber se a paixão, se aquele sentimento arrebatador era por alguém ou por algum lugar. Fiquei me questionando se era necessário saber? Se fazia alguma diferença descobrir? Se aquela conversa teria outro sentido ou outros encantamentos? Cheguei à conclusão que não.

O que faz a cidade são as pessoas. Investigar, estudar, falar sobre a cidade é falar sobre quem as constitui, quem as constrói, quem as anima. Ao mesmo passo que falar sobre as pessoas, sobre os cotidianos, o dia-a-dia, os costumes, os fluxos citadinos, é pensar a cidade, em como isso potencializa seu entendimento, em como isso alarga seu conceito. Falar de um é levar em consideração o outro e vice-versa. Neste momento, o livro "As Cidades Invisíveis" de Ítalo Calvino me vem com muita força, por que nele, o autor

nos leva aos labirintos da existência humana ao mesmo tempo que nos leva a essência de todas as construções humanas: a cidade. Ele fala da Cidade para falar do Homem. Mas fala do Homem para falar da Cidade. Homem e Cidade se tornam um [...] ²⁸.

²⁸ (MARANDOLA JR., 2006, p. 47).

Esses encontros, esses acasos que me fazem sair para me expor a cidade, me expor a experiência que dela pode surgir. Não me coloco a procura, mas me coloca a exposição, aberto, disponível. A cidade me fascina por essa imprevisibilidade, por essa eventualidade. Porém, ao mesmo tempo, me exponho aos perigos, as ameaças que dela também surgem, porém,

Todos sabem que viver numa cidade é uma experiência de ambivalência. Ela atrai e afasta; mas a situação do cotidiano torna-se mais complexa por que são exatamente os mesmos aspectos da vida na cidade que atraem e, ao mesmo tempo ou alternativamente, repelem. A desorientadora variedade do ambiente urbano é fonte de medo, em especial entre aqueles de nós que perderam seus modos de vida habituais e foram jogados num estado de grave incerteza pelos processos desestabilizadores da globalização. Mas esse mesmo brilho caleidoscópico da cena urbana, nunca desprovido de novidades e surpresas, torna difícil resistir a seu poder de sedução ²⁹.

Quando meus pensamentos me permitiram prestar atenção novamente na praça, os dois rapazes já não estavam mais lá, tinham ido embora e eu nem os tinha visto sair. Fiquei sentado por mais poucos minutos ali, ainda inquieto por tudo aquilo que havia se passado, que eu tinha acabado de ouvir e sentir. Me levantei, terminei minha caminhada para casa e após algumas semanas, senti necessidade de abrir este caderno para escrever o que aquela ida a papelaria naquele dia tinha me causado, me passado, me acontecido. ☺

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

²⁹ (BAUMAN, 2009, p. 46-47).

Se expor à cidade: experiência cidadina e narrativas urbanas

Rafael Henrique Meneghelli Fafá Borges

CAIAFA, Janice. Comunicação e expressão nas viagens de ônibus. **Contemporânea**, v. 3, n.1, p. 123-137, 2005.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana. Trad. Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CESAR, Constança Marcondes. Habitar poeticamente a Terra. **PIDCC**, v. 09, n. 3, p. 251-254, 2015.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Trad. Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARANDOLA JR., Eduardo. Narrativas calvinianas: da descrição do explorador ao percurso do andarilho. **Rua**, v. 12, n. 1, p. 45-58, 2006.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Breves notas sobre o corpo: um diálogo com Gonçalo M. Tavares e Os Espacialistas. **Revista Gearte**, v. 4, n. 1, p. 96-107, 2017.

PECHMAN, Robert M. **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. A edição dos lugares: sobre fotografias e a política espacial das imagens. **ETD – Educação Temática Digital**, v. 11, n. 2, p.33-53, jun. 2010.

QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos; DAMIANI, Hadassa Pimentel; BORGES, Rafael Fafá. Rasuras e experimentações: apontamentos sobre Imagem-cidade-experiência. **Entre Lugar**, v.4. n. 7, p. 68-85, 2013.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a Linguagem**: Educar. Trad. Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TORRES, Fabianne Oliveira. **A Imagem a ser consumida**: política visual, Imaginação espacial e a estética dos vídeos turísticos no estado do Espírito Santo. 2014. 114f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa da Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

Recebido em Fevereiro de 2019.

Revisado em Maio de 2019.

Aceito em Abril de 2019.